UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABAETETUBA
POLO DE TOMÉ AÇU
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO NO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS

VIVIANE CAROLINE VALADARES SENA

O RESGATE DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR RILDO VALADARES, NA COMUNIDADE DE JACUNDAÍ (MOJU-PA)

TOMÉ AÇU – PARÁ

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABAETETUBA
POLO DE TOMÉ AÇU
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO NO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS

VIVIANE CAROLINE VALADARES SENA

O RESGATE DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR RILDO VALADARES, NA COMUNIDADE DE JACUNDAÍ (MOJU-PA)

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo, sob a orientação do Prof. Dr. Francinei Bentes Tavares.

TOMÉ AÇU – PARÁ

2018

VIVIANE CAROLINE VALADARES SENA

O RESGATE DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR RILDO VALADARES, NA COMUNIDADE DE JACUNDAÍ (MOJU-PA)

Aprovado em: Tomé Açu-PA, ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francinei Bentes Tavares (FADECAM / CAAB / UFPA) – Orientador

---

Prof. Dr. José Francisco Silva da Costa (FADECAM / CAAB / UFPA) – Avaliador

---

Esp. Rosenilda Botelho Gomes (PPGCITI / CAAB / UFPA) – Avaliadora

TOMÉ AÇU – PARÁ

2018

Dedico este trabalho a Deus todo poderoso, pela força e sabedoria, aos meus pais, José Augusto e Renilde Valadares, pessoas guerreiras que durante essa jornada de vida acadêmica a qual passei sempre estiveram ao meu lado, a minhas irmãs por todo apoio e consideração que sempre tiveram comigo e ao meu namorado pela parceria e cumplicidade de sempre.

AGRADECIMENTOS

Dizem que as coisas boas que fazemos ecoam para sempre, partindo desse propósito é que tentamos marcar o coração e tornar imortal a mágica de fazer um sonho se tornar realidade. Por trás dessa conquista existem pessoas que, assim como eu, têm sonhos e vontades, oportunidades e escolhas, e a melhor coisa do mundo é saber que elas, acima de tudo, escolheram estar ao seu lado. Em primeiro lugar, agradeço a Deus misericordioso, que com sua força divina aumentou minha fé e me fez acreditar na minha capacidade, tornando possível a realização desse sonho.

Ao meu pai José Augusto dos Santos Sena, meu exemplo de vida, que me apoiou até o fim, por ter me ensinado a correr atrás dos meus sonhos, por estar comigo em todos eles, e dando o apoio necessário para seguir em frente.

À minha mãe, Renilde Valadares, por ser essa mulher inspiradora, pessoa que me deu a vida, pela sua determinação e luta na minha formação, por estar sempre ao meu lado me apoiando, pelas sábias palavras e pelos ensinamentos compartilhados, obrigada por me mostrar que em cada experiência existe uma lição a ser aprendida.

Ao meu avô, Raimundo Oliveira Valadares, pelo exemplo de ser humano que é, que com sua sabedoria me ajudou em tudo que precisei, à minha avó Osvaldina Batista Valadares, "*in memorian*", mulher guerreira, que onde quer que ela esteja está feliz pelo meu êxito e conquista.

Às minhas irmãs Valéria Priscila Valadares Sena e Vanessa Fernanda Valadares Sena, se hoje cheguei até aqui não foi por mero acaso e sim por que pude contar com vocês, obrigada pelos incentivos proporcionados em todos os momentos da minha vida.

Aos meus queridos familiares, com quem sempre posso contar, obrigada pelo apoio e o incentivo durante essa caminhada.

Ao meu namorado Diogo Campos Farias, obrigada pelo amor e pelo carinho presentes em todas as horas, pelo apoio incansável durante todos os momentos, pelas palavras de incentivo nas escolhas que faço, pela cumplicidade em dividir comigo a mais simples das ideias.

Ao meu orientador Francinei Bentes, que me acolheu e com paciência e dedicação me ajudou a descobrir novos horizontes e me auxiliou na construção deste TCC, obrigada pela amizade e compreensão em todas as etapas deste trabalho.

Às minhas companheiras de equipe, com quem realizei os meus trabalhos acadêmicos, Gerlane Foro Cuimar e Richelly Valadares Moraes, sempre foram meu apoio, minhas parceiras queridas dentro e fora da universidade, obrigada por muitas alegrias compartilhadas.

Agradeço aos meus colegas de classe que estiveram comigo do início do curso até o término, que com certeza irão ser excelentes profissionais.

Aos meus mestres de graduação, que contribuíram em minha formação acadêmica, por terem ajudado ampliar meus conhecimentos fazendo com que eu acreditasse no meu potencial para vencer.

Com carinho, agradeço à minha comunidade de Jacundaí e à Escola Professor Rildo Valadares (educandos e corpo docente), que foram essenciais na minha pesquisa.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado me apoiando e compartilhando comigo esse momento.

E por fim agradeço a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente na construção desse trabalho, vocês fizeram parte de um período que sentirei saudades.

A vocês, muito obrigada!

Para se ter sucesso, é necessário amar de verdade o que se faz. Caso contrário, levando em conta apenas o lado racional, você simplesmente desiste. É o que acontece com a maioria das pessoas.

(Steve Jobs)

SUMÁRIO

RESUMO 09

ABSTRACT 09

1 INTRODUÇÃO 10

2 ELEMENTOS METODOLÓGICOS.....12

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....14

2.2 HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL RILDO VALADARES.....19

3 REFERENCIAL TEÓRICO.....23

3.1 O QUE É AFINAL, A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA?.....25

3.2. VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA PELA ESCOLA.....26

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 27

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES.....28

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES.....35

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 43

6 REFERÊNCIAS 45

7 ANEXOS 46

ANEXO I: DIRETRIZES PARA A SUBMISSÃO DE PUBLICAÇÃO PARA A REVISTA NOVOS CADERNOS (*NAEA*) 47

ANEXO II: ROTEIROS DE QUESTÕES APLICADAS AOS ENTREVISTADOS 50

ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....52

O RESGATE DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR RILDO VALADARES, NA COMUNIDADE DE JACUNDAÍ (MOJU-PA)

Viviane Caroline Valadares Sena [1]

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar e discutir as principais estratégias de expor o que é ser quilombola, e se são postas em prática pelo corpo docente da instituição denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rildo Valadares, localizada na comunidade quilombola de Jacundaí, no município de Moju-PA. Ao se falar em Educação Quilombola, principalmente referente às comunidades rurais, muito se propôs para definir de forma introdutória o que de fato a Educação Quilombola representa, bem como a ancestralidade e os saberes territoriais do local em que a mesma está inserida. Portanto, é necessário lutar pela importância dessa forma de educação, compreendendo que sua implantação é fundamental para o currículo escolar da comunidade, através da junção tanto da ancestralidade como da cultura, porque muitas vezes o currículo atual está longe da realidade histórica e cultural destes alunos e alunas. Essa parceria entre dois saberes (cultura e ancestralidade) que se completam e se complementam estão no território como uma forma nova e muito envolvente, explanando de forma real e necessária a realidade existente e pouco mostrada dos territórios quilombolas. Culminou-se essa análise em como foi esse processo de aceitabilidade e as razões que antecederam essa inclusão do conhecimento do que realmente seria a implantação do currículo escolar quilombola na escola estudada. Analisou-se ainda como tal currículo ajuda na formação e no convívio social dos estudantes da comunidade quilombola analisada.

Palavras-chave: identidade; educação; comunidades quilombolas; ancestralidade; cultura.

Abstract:

This paper aims to clarify the role of the school in the importance of fortification the quilombola identity of the students in the institution called the Rildo Valadares Municipal School of Elementary Education, located in the quilombola community of Jacundaí, in the municipality of Moju-PA. When talking about quilombola education, mainly referring to rural communities, a lot was proposed to define in an introductory way what quilombola education represents, as well as the ancestry and the territorial knowledge of the place where it is inserted. Therefore, it is necessary to fight for the importance of this form of education, understanding that its implementation is fundamental to the community school curriculum, through the combination of both ancestry and culture, because often the current curriculum is far from the historical and cultural reality of these students. This partnership between two knowledge (culture and ancestry) that completes and complements is in the territory as a new and very engaging form, explaining in a real and necessary way the existing reality and little shown of the quilombola territories. This analysis culminated in how this process of

[1] Estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Polo de Tomé Açu, do Campus Universitário de Abaetetuba – Universidade Federal do Pará (CAAB / UFPA). E-mail: vivianemoju@gmail.com – Endereço: Travessa Poacê, nº 08, bairro Parolândia. CEP: 68.450-000. Moju-PA.

acceptability was and the reasons that preceded this inclusion of the knowledge of what would really be the implementation of the quilombola school curriculum in the school studied. It was also analyzed how such a curriculum helps in the formation and social interaction of the students of the quilombola community analyzed

Keywords: identity; education; quilombola communities; ancestry; culture.

1 INTRODUÇÃO

A educação escolar quilombola deve ter como referência valores sociais, culturais, históricos e econômicos dessas comunidades. Para tanto, a escola deverá se tornar um ambiente educativo que concretize o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, dar valor ao desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território. Assim, a escola precisa de um currículo, projeto político pedagógico, espaços, tempos, calendários e temas adequados às características de cada comunidade quilombola para que o direito à diversidade se consolide. Essa discussão necessita fazer parte da formação inicial e continuada dos professores (CNE, 2011, p. 13).

A partir do momento em que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola foram discutidas, finalizadas e homologadas pelo Ministério da Educação, os sistemas de ensino e os cursos de formação inicial e continuada de professores da educação básica de todo o país deveriam cumprir com o dever e responsabilidade de colocá-las em prática. Em 21 de novembro de 2012, foi assinado o documento de diretrizes curriculares nacionais para Educação Quilombola, que institui orientações para que os sistemas de ensino formulem projetos político-pedagógicos adequados à especificidade das vivências, realidades e história das comunidades quilombolas, respeitando e vivenciando suas tradições, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Por isso deverão ser considerados vários aspectos da realidade dos povos quilombolas, tais como: o que se entende por quilombo, quilombo como território, as lutas da comunidade quilombola, a relação entre quilombo e trabalho, cultura e ancestralidade africana, os avanços e limites do direito dos quilombolas na legislação brasileira e a educação escolar quilombola (CNE, 2011, p. 07)

As comunidades quilombolas no Brasil são múltiplas e variadas e se encontram distribuídas em todo o território nacional, em algumas regiões elas são numerosas e em outras não. Há comunidades que ficam no campo (rurais), e outras ficam nas cidades (urbanas), que

se constituem por meio de fortes laços de parentesco e herança familiar ou não; que receberam as terras como doação e que se organizaram coletivamente e adquiriram a terra.

Houve a necessidade de escolher esse tema, pois ainda há resistência e é um caminho longo a ser trilhado, e a pesquisa vem mostrar que tem que ser uma ação colaborativa, tem que ser função dos pais, dos professores, da comunidade como o todo, da associação de moradores, do poder público e da escola, se não houver essa ação colaborativa a Educação Quilombola não irá se concretizar, mas o importante nisso tudo é o respeito à tradição, à cultura e o respeito à ancestralidade. A população quilombola tem muito a falar e eles devem ser ouvidos, eles têm o direito de ser ouvidos.

Antes mesmo de se pensar em pesquisar sobre a educação escolar quilombola como um projeto a ser concretizado, é importante destacar que a mesma já é amparada pela Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira. Esta legislação ampara não apenas um projeto que foi idealizado, mas que fundamenta essa prática. Na comunidade referida, infelizmente está apenas no papel, mas essa proposta foi idealizada e conquistada através de muito luta e resistência, mas muitas vezes não está sendo posta em prática por diversos motivos, como a dificuldade de entendimento acerca da cultura da população quilombola e de seus ancestrais, por falta de preparo dos educadores e da escola ou até mesmo pela forma de compreender e adotar tal lei.

> Art. 2° As Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiro e Africano constitui de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação e tem por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes atuantes e buscando relações étnicas-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. § 2° O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeia, asiáticas (BRASIL, 2003).

Garantir a educação de qualidade que respeite o espaço onde vive parcela da população negra**,** respeitando sua história e suas origens e práticas culturais, é de fundamental importância para uma Educação Quilombola que respeite a essência de cada indivíduo. E a legislação dá esse suporte, mas sabemos que a questão do respeito a essa diversidade não se constrói em um passe de mágica, é um caminho longo a ser trilhado, a mesma estrutura para aumentar a atenção das políticas públicas para essas Comunidades Remanescentes de Quilombo. No entanto, os espaços para a garantia de uma educação que atenda às

peculiaridades étnicas e culturais dessas comunidades é uma forma de cumprimento da lei, uma vez que o Quilombola constitui o exemplo de resistências e persistências da Cultura Afro-Brasileira.

Assim, a pergunta que norteia a problemática deste trabalho de pesquisa é a seguinte: quais as principais estratégias que podem ser utilizadas para trabalhar com os alunos da Escola estudada a importância da identidade quilombola, para que eles possam se auto identificar?

Como questões complementares, indaga-se: como a Escola Professor Rildo Valadares vem discutindo/trabalhando a identidade quilombola? E quais as principais consequências que os alunos sofrem por não conhecer sua identidade?

Dessa forma, tem-se como objetivo geral deste trabalho analisar e discutir as principais estratégias de expor o que é ser quilombola, e se são postas em prática pelo corpo docente da escola.

Como objetivos específicos, a presente pesquisa propõe: a) discutir se a escola quilombola do campo é vista como espaço de organização social em defesa da sua identidade, enquanto direito e território dos povos tradicionais; e b) identificar as consequências das transformações sociais na região que estão fazendo se enfraquecer a identidade quilombola.

2 ELEMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

a) Pesquisa Exploratória: objetivou a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolveu o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e a análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assumiu, no presente trabalho, as formas de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso na comunidade pesquisada (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010);

b) Observação Participativa Sistemática: segundo Verdejo (2006), a observação participante leva à compreensão e percepção da realidade da comunidade, propondo “andar com os olhos abertos” e participar das tarefas cotidianas dos pesquisados. Já a observação sistemática é feita repetidas vezes até que se colete evidências suficientes para atingir um objetivo definido pelo

trabalho de pesquisa (FECAP, 2018). Isso é facilitado pelo fato da autora da pesquisa residir e atuar na comunidade estudada;

c) Entrevistas Semiestruturadas: foram utilizadas técnicas de investigação como entrevistas, que, por sua vez, consiste num diálogo entre pesquisador e pesquisado para colher dados relevantes para a pesquisa em andamento. Utilizaram-se perguntas abertas e/ou específicas e fechadas. Os dados levantados foram de caráter quanti-quali (em parte quantitativos, como nas entrevistas com os alunos, e em parte qualitativos, nas entrevistas com os professores). As entrevistas com os professores foram feitas por meio da concordância dos mesmos com um Termo de Consentimento para o uso das informações pela pesquisa (conforme o Anexo III).

A pesquisa teórica tem por objetivo ampliar generalizações, definir conceitos mais amplos, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar e enfeixar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses. Permite a reflexão sobre as informações do assunto estudado e, a partir das mesmas, a criação das próprias concepções. A pesquisa de campo, por sua vez, consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis relevantes para as posteriores análises (RUIZ, 1996; SEVERINO, 2000).

A partir dessas etapas e ferramentas metodológicas, depois da conclusão desse trabalho pensa-se em desenvolver futuramente ações de extensão junto à comunidade, a partir dos resultados indicados pela pesquisa. Assim, inicialmente planeja-se a inclusão de conteúdos voltados para a realidade desses alunos e sua comunidade nos componentes curriculares escolares, especificando-se por meio da realização de futuras oficinas com os professores da comunidade quilombola, com os pais dos alunos e com os universitários da mesma, podendo ainda ser realizado um diagnóstico participativo sobre a possibilidade dos conteúdos da escola da comunidade, com a elaboração, a médio e longo prazos, de um boletim contendo a produção da comunidade a respeito da relação com a natureza, cultura, identidade e as tradições, e contendo também as legislações relativas à Educação Quilombola.

Com isso, objetiva-se resgatar toda uma cultura que está sendo transformada, mas que existe e precisa ser registrada, para que assim possa de fato formar e conscientizar os moradores da comunidade para que possam conhecer o que é ser um quilombola, entender sua origem e assim possa se autoidentificar como tal. E mais ainda, a sua cultura, sua tradição e seu jeito de se expressar estão longe de serem temas estudados no currículo escolar, que cada vez mais está se distanciando de tudo que sempre preservaram e tiveram o cuidado de guardar

com orgulho, tudo o que foi deixado por seus antepassados, para que assim essas crianças possam sentir motivados a ir à escola e que possam se sentir identificados com os conteúdos que são trabalhados na educação formal.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A comunidade remanescente de quilombo Oxalá de Jacundaí está situada no Município de Moju-PA, um dos onze pertencentes à região do Baixo Tocantins. A localidade fica situada a 43 km da sede do município, pertencendo à microrregião de Jambuaçu. A população da comunidade gira em torno de 84 famílias, com um total médio de cerca de 500 habitantes. A FIGURA 01 mostra um croqui atual da situação da comunidade.

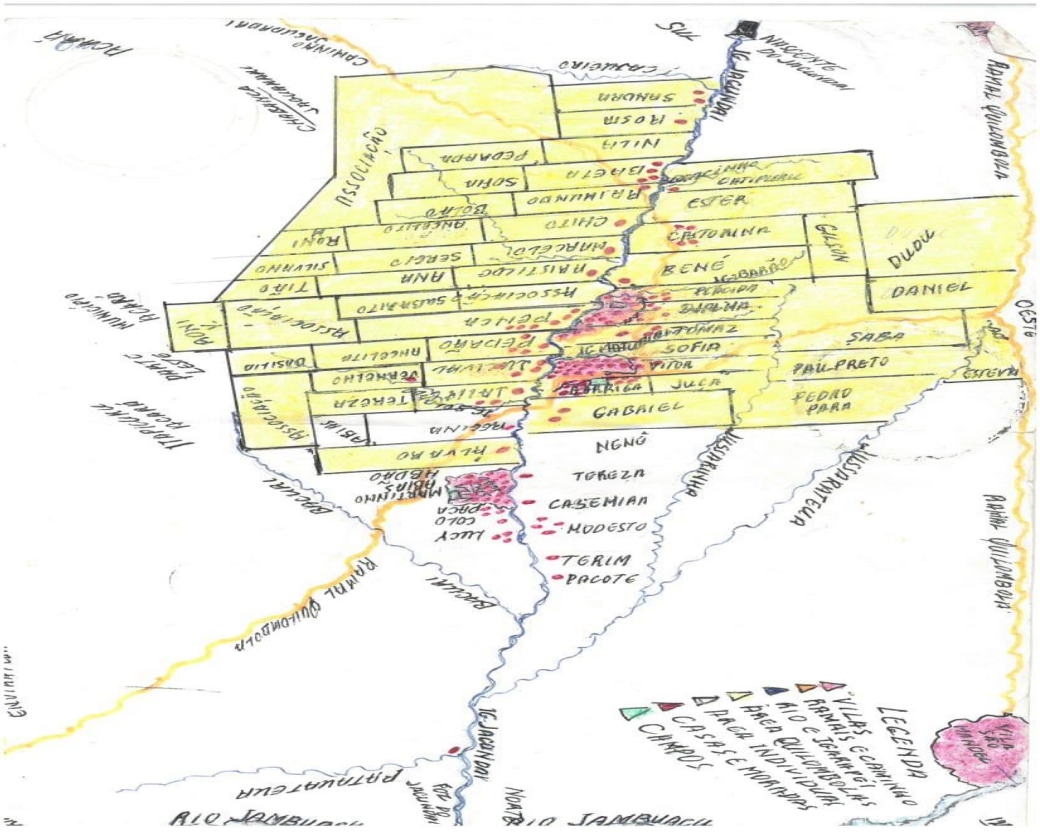

FIGURA 01: Croqui da comunidade de Jacundaí (Moju-PA)

Fonte: Augusto Sena (2018).

No que diz respeito à sua ocupação, de acordo com um dos moradores entrevistados, em 2015 (Raimundo Oliveira Valadares, um dos mais antigos residentes no local), no final do século XVIII a vila de Jacundaí começou a ser habitada por poucas famílias, tendo como seus primeiros moradores os Srs. Sebastião Borges, Luiz Gonzaga Paes, Henrique Furtado da Silva, Aguinelo Valadares, Antônio Santana, Sebastião Cireneu, Manoel Leite, Antenor Braga e Eduardo Sarmento. Entre eles também vieram os escravos refugiados da Revolta da Cabanagem, já em meados do século XIX. Daí em diante as pessoas que chegaram foram formando uma "população mista" (índios, quilombolas e portugueses) naturalmente, chegando em condições precárias, sem recursos, sem teto e sem-terra, sendo que vieram em busca de novas perspectivas de vida. Nesse tempo não havia ambição pela ampliação dos terrenos, pois quando chegavam os moradores iam logo criando famílias e vivendo em seus lotes. Dessa forma, a população formada por seus descendentes foi aumentando cada vez mais. Nesse período, a maioria das famílias da comunidade sobreviviam especificamente da caça e da pesca, pois a localidade tem uma característica forte por ter no seu interior um igarapé que deu origem ao nome da comunidade, que na época era bem diversificado com várias espécies de peixes, sendo que não existia uma degradação das matas ciliares que estão em volta do mesmo.

Também a partir daí deu-se início às práticas de agricultura, por meio das quais as famílias que se formaram neste local apossaram-se de terras e usaram para a plantação de mandioca, milho, feijão e hortaliças, que eram destinados mais para a subsistência das famílias, havendo uma forte rede de reciprocidade entre os moradores, que trocavam tanto os alimentos entre si como faziam a organização do trabalho através de mutirões, ou seja, em cada dia o trabalho era realizado em um lote, com objetivo de ajudar cada família a conseguir manter seus plantios sem precisar contratar mão-de-obra externa. Segundo (FINATTO; SALAMONI, 2008, p. 206) O grupo familiar é que orienta as mudanças no sistema produtivo, a relação do agricultor familiar com sua terra não se pauta apenas na produção para a comercialização da produção, mas ele se identifica com o lugar que trabalha e vive.

Outra prática usada pelos moradores era da extração de madeira, com destinação à comercialização, pois executavam estas árduas tarefas juntamente com seus filhos visando a estruturação de seus estabelecimentos agrícolas, usando conjuntamente os recursos naturais disponíveis de forma equilibrada. Dessa maneira era definido o sistema agrário da comunidade do Jacundaí, composto por várias atividades agrícolas, não tão bem estruturados como atualmente, mas que apresentavam esta característica de estabelecimentos familiares com sistemas de produção bem consolidados.

Posteriormente, já em 1984, foi fundada uma associação de moradores com o objetivo de conseguir a titulação das terras que foram ocupadas por eles, porém encontraram muitas dificuldades diante da burocracia e não conseguiram de imediato a titulação, mas por meio desta mesma organização adquiriram um motor gerador de energia de grande potência doado pelo Estado, pois a comunidade ainda não tinha sido beneficiada com a energia elétrica. Em relação a titulação das terras quilombolas como afirma (JORGE, 2015, p.40) para os quilombolas, como povos tradicionais e também como sujeitos de direitos, a luta pelo reconhecimento de seus direitos culturais e territoriais está amparado pelo artigo 68 do ato da disposição constitucionais transitórias (ADCT)

Com essa associação, houve um incentivo por parte de um de seus integrantes para criação do clube de futebol da comunidade, com intuito de desenvolver o lazer aos que ali residiam. Este clube acabou por denominar-se AJAC (Associação Juventus Atlético Clube), sendo foi fundado em 04 de outubro de 1984, acentuando assim a coletividade entre seus moradores, resultando na construção da primeira sede social de Jacundaí (FIGURA 02). Mas não era apenas isso, prevaleciam dentre as diversões as lutas de capoeira, festas dançantes e "brincadeiras" de modo geral.

FIGURA 02: Primeira sede social da comunidade

Fonte: Viviane Valadares (2018)

A sede do clube de futebol ganhou uma nova infraestrutura, tendo um espaço amplo e adequado para as reuniões que acontecem quinzenalmente com os integrantes do grupo (FIGURA 03), abrangendo consequentemente as festas regionais, que ficaram melhores e mais frequentadas.

FIGURA 03: Atual sede social da AJAC

Fonte: Viviane Valadares (2018)

Algumas mudanças na comunidade de Jacundaí começaram a ocorrer em 2002, quando veio a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e incentivou a resgatar a identidade da comunidade, que é remanescente de quilombo. Depois de todo um processo jurídico, os comunitários foram reconhecidos como remanescentes de quilombo de fato e de direito com a fundação da Associação. Com isso as autoridades começaram a olhar com outros olhos, e assim a comunidade obteve algumas conquistas, como os títulos definitivos das terras, implantação do minissistema de abastecimento de água, abertura de vicinais e a instalação de energia elétrica em toda a comunidade.

Com o reconhecimento de outras associações do Território Quilombola de Jambuaçu, também no município de Moju, as mesmas também conseguiram seus títulos definitivos e coletivos, ou seja, de todos os terrenos dos associados ficaram ligados uns aos outros, por esse motivo é este que ficou denominado "território quilombola". As demarcações das terras quilombolas são regulamentadas pelo artigo 68 das disposições constitucionais transitórias da Constituição Federal de 1988. "Aos remanescentes das comunidades de quilombo é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos" (ARRUTI, 2006, P.102)

Hoje são 15 comunidades interligadas por vicinais (FIGURA 04), por meio das quais se tem viagens diariamente para sede do município e também para Belém, levando os produtos da região para serem comercializados e trazendo o fluxo de mercadorias direcionadas para as comunidades.

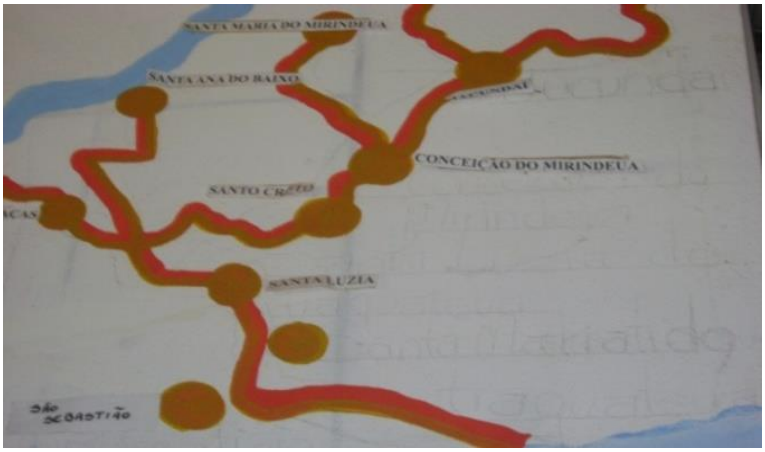

FIGURA 04: Mapa do Território Quilombola de Jambuaçu

Fonte: Viviane Valadares (2018)

Atualmente as 15 comunidades que compõem o Território Quilombola de Jambuaçu possuem aproximadamente oitocentas (800) famílias, seis mil (6000) habitantes, três mil e quinhentos (3500) eleitores e dois mil (2000) alunos.

A economia local é baseada na produção de mandioca, que é a base de subsistência da maioria da população de Jacundaí (FIGURA 05). Esta serve tanto para consumo próprio do agricultor quanto para ser comercializada na capital Belém. Outros produtos também são cultivados, como o açaí (*Euterpe oleracea*) e o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), em pequenas quantidades. As demais rendas provêm de atividades não-agrícolas, como funcionários públicos, aposentados, beneficiários dos programas sociais do Governo Federal (principalmente o Bolsa Família), e pequenos comerciantes.

FIGURA 05: Produção de farinha na comunidade

Fonte: Viviane Valadares (2018)

2.2 HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL RILDO VALADARES

Percebe-se que não é de hoje que a educação abre novos caminhos rumo ao desenvolvimento, principalmente do homem do campo, que dificilmente é reconhecido pelos seus valores na sociedade, sendo que essa mentalidade de falta de reconhecimento vem desde os primórdios e infelizmente se perpetua até hoje. Ao se perceber a seguinte observação de um agricultor da comunidade que virou dilema: “estude meu filho, para você não passar pelo que seu pai passou”, o mesmo tem a perspectiva de ver seus filhos tornarem-se melhores cidadãos por meio da educação, e na busca dessas melhorias se iniciou a alfabetização das crianças da comunidade, ainda no início do século XX. Porém, nesta época a educação era muito precária, sendo que as famílias que possuíam uma condição financeira melhor contratavam uma pessoa com maior conhecimento para ensinar seus filhos em sua casa, ou seja, era uma “educação para poucos”. Desde então percebe-se que a condição socioeconômica já predominava, fator esse que não deveria ser um elemento de distinção no meio educacional, pois a educação se faz para todos.

Sendo assim, a partir de 1948 houve a contratação de uma professora feita pelo Estado, e a situação começou a evoluir, porém por não haver prédio escolar as aulas funcionavam na casa da Sr. ª Regina do Espírito Santo Furtado, conhecida carinhosamente como “Tia Filoca”, sendo que a mesma foi a primeira professora da comunidade (FIGURA 06).

Entretanto as aulas eram aplicadas com o uso de metodologias ditas “tradicionais”: havia tabuada e palmatória, e até mesmo castigos dos alunos no “bago do milho”. Mesmo com esses rígidos métodos de educação, os discentes assimilavam o que se via nas aulas ministradas pela mesma.

FIGURA 06: Primeira professora da comunidade, conhecida como “Tia Filoca”

Fonte: Vitor Valadares (2018)

No ano de 1980 ela se aposentou, então Jacundaí ficou novamente sem professora. Mas este contexto mudou a partir do ano de 1983, quando foi eleito um vereador da própria comunidade, o Sr. Raimundo Oliveira Valadares, que conseguiu levar algumas infraestruturas básicas para esta. Dessa forma esse este vereador contratou uma nova professora para lecionar na comunidade, mas com um detalhe, o mesmo a pagava com seu próprio salário. O vereador construiu também a primeira escola em Jacundaí juntamente com o vereador Edmilson Ribeiro Soares, que faleceu em 1984, assassinado antes da tão esperada inauguração desta, tendo daí se originado o nome da escola em homenagem a ele.

A escola inicialmente era de madeira, e continha apenas uma sala de aula. A priori estava bom, mesmo não tendo uma estrutura adequada, mas na época supria a necessidade da população local, sendo o primeiro prédio escolar na comunidade, dando o primeiro passo rumo ao avanço da educação na mesma (FIGURA 07).

FIGURA 07: Primeira escola da comunidade, Vereador Edmilson Ribeiro Soares

Fonte: Vitor Valadares (2018).

No que se refere à educação na comunidade, esta evoluiu bastante, ocorrendo a construção de outra escola, deixando de ter o nome anterior para ser denominada “Professor Rildo Valadares”, no dia 21 de dezembro de 2002, em razão deste ter desenvolvido um papel fundamental na comunidade, em especial na educação, e dessa forma essa foi uma maneira de homenageá-lo e agradecê-lo pelas atividades que desempenhou na localidade.

O corpo docente da escola passou a ser da própria comunidade, o que veio a beneficiar toda a população, contudo ainda havia muito a melhorar na educação ofertada em Jacundaí. Nessa época a escola continuava com apenas uma sala de aula, mas a diferença é que esta era de alvenaria e não mais de madeira como antes (FIGURA 08), onde funcionavam todas as turmas do Ensino Fundamental Menor juntas, de forma multisseriada, sendo que as aulas também eram lecionadas na sede social da comunidade, porque o espaço na escola era muito pequeno. Como afirma (HAGE, 2005, p. 13). As escolas multisseriadas propiciam aos estudantes do campo terem acesso a escolarização no próprio lugar em que vivem, em sua própria comunidade, fator que poderia contribuir significativamente para o processo de permanência dos sujeitos do campo no campo e para a valorização de suas identidades culturais, com o passar do tempo, houve a necessidade de se construir outra escola com uma estrutura maior, em consequência do número de discentes ter aumentado.

FIGURA 08: Segunda escola da comunidade

Fonte: Viviane Valadares (2018).

Em 2008 essa necessidade foi suprida com a inauguração de um novo prédio escolar, que passou a conter quatro salas de aula, uma secretária e uma copa (FIGURA 09), o que contribuiu para o melhor aprendizado dos discentes e para um funcionamento mais adequado da instituição escolar.

FIGURA 09: A escola atual da comunidade, denominada Professor Rildo Valadares

Fonte: Viviane Valadares (2018).

A escola funciona com classes multisseriadas, SOME (Sistema Modular de Ensino – Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio), por meio de nucleação. Atualmente, são três professores (sendo que uma delas também é coordenadora pedagógica), uma diretora e quatro serventes, totalizando oito funcionários. Percebeu-se que, com isso, apesar das dificuldades, como a falta de um corpo docente e técnico maior e mais diversificado, a esperança de uma vida melhor por meio da educação está se tornando gradativamente um ato concreto na vivência da comunidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para construir esse trabalho, foram utilizados alguns autores para trabalhar os conceitos de identidade e de educação escolar quilombola.

De acordo com Zygmunt Bauman, este autor aponta que a "identidade" não é uma exceção, torna-se tema de reflexão aprofundada quando sua probabilidade de sobrevivência sem reflexão começa a diminuir, começa a aparecer a problemática. Isso ocorre com a passagem da atribuição e realização, deixam que as identidades dos seres humanos se modifiquem (BAUMAN, 2012, p. 104).

Analisando isto, faz-se necessário associar a relação entre comunidade e a escola para firmar uma identidade que aos poucos está se perdendo em meio a uma sociedade moderna, neste caso a escola tem um papel fundamental nesse resgate e reconstrução da identidade quilombola, é notório destacar que há uma série de controvérsias em sua diversidade em seu modo de vida. Esta questões procura oferecer uma resposta na área da educação, na qual boa parte do jovens da comunidade se faz presente, há uma necessidade de uma inclusão dos alunos em conteúdos voltados para sua realidade para assim conhecer sua história, no sentido de políticas de ações afirmativas baseadas na realidade local em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da comunidade, buscando resgatar a identidade quilombola que a cada dia está ficando esquecida e assim combater as discriminações que atingem particularmente os jovens. Nesta perspectiva, propõe-se a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que adequem cidadãos orgulhosos de seu próprio eu nas comunidades tradicionais, para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os educadores (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade (GOMES *apud* MUNANGA, 2005, p. 147).

Desta forma, é importante que a escola enquanto instituição faça seu papel, no sentido de conscientizar, pois muitas vezes o educando esconde essa identidade por não se aceitar, e com situações de negação de sua própria identidade para não passar por conflitos que podem comprometer sua socialização e aprendizagem. Ao olhar para toda a sociedade, a educação é vista como libertadora e tende a estabelecer relações ao que se aprende em sala de aula e a vida da comunidade, mudando mentalidades, superando preconceitos, pois é ali que se aprende a viver com as diversidades, atuando na cooperação da transformação da situação atual. Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza os grupos sociais. Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas de relações sociais, e como elas têm história e permanência.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, em relação ao povo quilombola e seus processos sobre a identidade, é necessário trabalhar visões sobre as raízes histórico-culturais referentes a essa população. E por meio deste estudo, buscam ainda evidenciar como os elementos associados à cultura, educação e identidade precisam ser relacionados às matrizes africanas em sala de aula, no sentido de contribuir na formação dos sujeitos. Assim, após estudo em campo sobre o tema em tese e por meio das análises realizadas, são apresentados como os saberes sociais e dos professores quilombolas contribuem na sua construção social dos sujeitos quilombolas, sendo os professores mediadores nesse processo educacional nos quilombos.

A identidade é um elemento que vem sendo discutido ao longo do tempo, e tem sido um objeto de análise para muitos autores, sendo presente em diferentes ambientes, ligado a um ser. “A identidade é construída socialmente e desenha escolhas políticas de grupos humanos” (HALL, 2005, p. 03-15).

Assim, cabe à educação trazer consigo essa valoração, em que seja olhada como um lugar de saberes e conhecimentos de sua cultura que propiciarão uma vida de aceitação para aqueles que não se autoidentificam com sua origem, certamente observando um aspecto mais pessoal, e também para a comunidade, que retrata a total descrição de desvalorização cultural,

mas para essa efetivação falta algo que busque trabalhar a realidade local que visem a comunidade e as pessoas, principalmente que são oprimidas pelo seu medo de se declarar quilombolas, sendo forçadas a adotar novas ideias longe da sua realidade, de seu contexto social. Há uma urgência no acontecimento desse diálogo, para contribuir e entender essa diversidade, na qual o simples "olhar-se" permite a constatação que todos são diferentes, e exatamente por essa singularidade, traz a consciência que somos únicos e por isso insubstituíveis, com identidades próprias e em constante transformação.

3.1 O QUE É AFINAL, A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA?

Conceituar e regular a educação escolar quilombola como modalidade da educação básica pode contribuir não só para definir melhor o que, de fato, denominamos por este tipo de educação, e pretende oferecer aos professores conhecimentos para uma atuação efetiva em sala de aula na formação da cidadania, com respeito pelas diversidades culturais, a partir das quais se constrói a identidade. Pretende, ainda, valorizar as origens e a história, como condição de afirmação da dignidade enquanto pessoas e de herança cultural, como parte da infinita diversidade que constitui a riqueza do ser humano. Tais valores se revelam essenciais numa sociedade marcada, simultaneamente, por uma formação pluriétnica e pelo peso da herança cultural (CNE, 2011).

A escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos, mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, na qual suas diversidades sejam respeitadas. A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e não-formal e, no segundo, o saber nem sempre está referenciado na experiência do aluno.

A educação é um instrumento privilegiado para formar cidadãos capazes de conhecer e Compreender, para saber discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem. Atentar para a composição multicultural do povo é condição essencial quando se tem por objetivo formar alunos e professores para o exercício da cidadania.

Um dos exemplos nesse sentido é a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que tornou obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. Essa lei reforça o debate acerca da importância de uma educação multicultural e da implementação de

novas práticas de ensino referentes à inclusão da temática racial no ambiente escolar. Assim, essa legislação mostra, especificamente, a importância da experiência da implementação desse tipo de ensino nas escolas quilombolas, colocando em debate também a importância do conhecimento sobre quilombos nos programas de ensino em todas as escolas.

3.2. VALORIZAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA PELA ESCOLA

Para os quilombolas, pensar em território é considerar a terra com algo de uso de todos da comunidade (é uma propriedade de uso coletivo) e algo que faz parte deles mesmos, uma necessidade cultural e política da comunidade que está ligada ao direito que possuem de se distinguirem e se diferenciarem das outras comunidades e de decidirem seu próprio destino. Eles vivem em territórios que podemos chamar tradicionais. Conforme o CNE (2011, p. 11), "*Os territórios tradicionais são espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária* (...)" (Artigo 3 da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007).

Assim, apresentamos uma reflexão sobre a situação de uma comunidade que se relaciona à resistência quilombola em não perder essa identidade, a necessidade de preservação da memória desse povo, retida nas manifestações culturais da localidade, que vislumbra o sentido de pertencimento de um povoado que luta pela conquista de benefícios para a comunidade. O estudo descreve a eficácia das políticas públicas no processo de preservação da identidade quilombola, e se elas contemplam os anseios da localidade através da educação. Pode-se perceber que na escola quilombola analisada, tem-se a iniciativa de promover eventos, palestras, cursos, etc. voltados para a valorização da cultura afro-brasileira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rildo Valadares, que se localiza na comunidade Remanescente de Quilombo de Jacundaí, situada na Rodovia dos Quilombolas, a 43 km da sede do município de Moju-PA. No período de 21 de junho a 26 de julho de 2018, este trabalho foi uma pesquisa de campo utilizando-se de questionários com questões abertas e fechadas.

Segundo Chizotti (2001), o formulário ou questionário é um instrumento que possibilita o pesquisador indicar e direcionar seus questionamentos de acordo com as informações levantas do trabalho.

Como sujeitos da pesquisa, foram entrevistados um total de 24 pessoas que responderam a questionários específicos, divididos entre professores e alunos, sendo que 20 foram feitos com alunos e 4 foram com professores. A maioria dos entrevistados corresponde ao sexo feminino e situa-se na faixa etária de 15 a 51 anos. Os questionários contaram com diversas especificidades, para saber qual é a importância de resgatar a identidade quilombola, a valorização desta cultura e como deve ser incentivada, uma vez que, na grande parte da comunidade apenas as gerações mais antigas conservam este conhecimento. Deste modo, o regaste deste assume um papel indispensável, permitido que o mesmo não desapareça.

Após o preenchimento dos questionários, foi feita a coleta de dados, baseada na observação participativa sistemática e em informações adquiridas na Escola Professor Rildo Valadares ao longo das entrevistas.

4.1 ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES

A Escola Professor Rildo Valadares conta com um alunado diversificado, em sua grande maioria quilombola que reside na comunidade citada (FIGURA 10), mas que nem por isso consegue suprir uma questão importante, que é a dificuldade em assumir sua identidade étnico-racial. Partindo desse pressuposto pude perceber que apenas o fato de possuírem moradia e residirem desde quando nascem não é suficiente para que eles possam se autoidentificar.

FIGURA 10: Perfil dos alunos entrevistados na escola Professor Rildo Valadares Sena

Fonte: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018).

Então o que fazer para reverter essa situação? Não existem receitas prontas para isso, mas compete ao professor buscar estratégias que estabeleçam uma ligação entre o cotidiano do aluno e a construção do conhecimento sobre sua identidade, fazendo assim esse casamento. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, trabalhar com conteúdo que parte de saberes da comunidade, ou seja, a sua língua materna, pois o uso da linguagem local permite interações entre a tripé aluno-professor-comunidade, e deve levar em consideração que o indivíduo, quando chega na escola, já traz consigo uma sucessão de ideias oriundas do meio onde vive. Entretanto, a abordagem desse resgate da identidade quilombola permite o professor re(descobrir) e re(construir) conhecimentos necessários para sua vida social e escolar, sendo muito importante ter uma política participativa entre a comunidade e o corpo docente da escola, para que assim se consiga ter êxito.

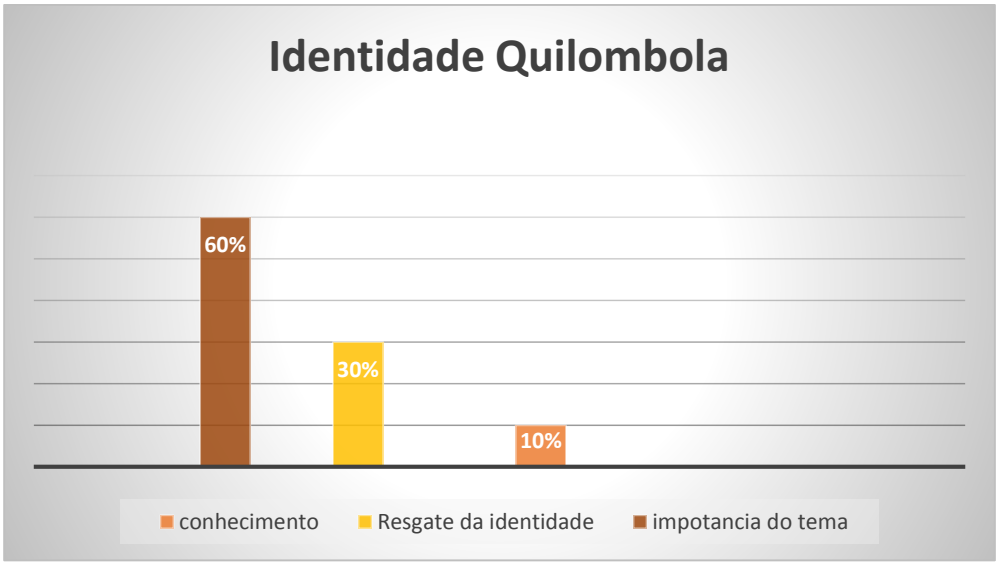

FIGURA 11: Disciplina especifica que trabalhe com o tema da identidade quilombola.

FONTE: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018).

De acordo com a pesquisa (FIGURA 11), 60% dos entrevistados falaram da importância do tema, para que eles possam conhecer melhor sua origem, a qual venha valorizar sua história e cultura, sendo muito importante estudar uma disciplina voltada para resgatar essa identidade que a cada dia que passa está ficando no esquecimento, e é um fator essencial para que eles possam se autoidenficar como quilombolas, mas que seja algo que trabalhe de forma dinâmica que venha fazer com que os alunos se envolvam com o tema, e sair da sua rotina de sala de aula, pois para a grande maioria isso é algo novo que precisa ser colocado em prática de forma cautelosa e respeitando suas especificidades. 30% dos entrevistados falaram que é muito importante fazer o resgate identitário quilombola na comunidade, muito antes de outras pessoas conhecerem a importância da sua história e de autoidenficarem como quilombolas, pois tem muitas pessoas que moram na comunidade e que não sabe a sua origem. 10% dos entrevistados acham importante ter conhecimento mediante a história da sua comunidade para conhecer sua identidade, para sua autovalorização e assim fazer essa autoidentificação como quilombola, visando mobilizar e conscientizar a comunidade sobre a importância de assumirem sua identidade quilombola, o que é algo imprescindível para formar cidadãos cientes da sua realidade. De acordo com Munanga (1996, p. 216), construímos nossa identidade a partir de um povo “misturado” desde os primórdios, que foi elaborado, lenta e progressivamente, construímos uma identidade racial, porque a mistura está acima de tudo, portanto os quilombos são um povo sem barreiras e sem preconceitos.

Nessa concepção, educar não pode ser apenas tarefa do professor, mas de toda a sociedade. A escola tem que ser pensada e repensada com uma visão do todo. Aprendizagem só faz sentido se ligada ao processo de vida. O aluno precisa se construir como cidadão, dentro das novas perspectivas que a atual expansão dos conhecimentos nos permite, todos somos chamados a construir e a reconstruir a partir de novas experiências, mais humanas e solidárias. Por isso, a aprendizagem deve ser voltada para a realidade do aluno, para a dimensão do local dentro de uma perspectiva sempre ampla. Hoje, o grande desafio da Educação Quilombola, mas do que em qualquer outra época, é o diálogo e o desenvolvimento da capacidade quilombola. A escola tem como maior desafio o ensinar a pensar, porque o mundo somente vai mudar se os nossos pensamentos mudarem. E para isso precisamos, mais e mais, conhecer nossa identidade e direitos.

O que se observa é que eles valorizam bastante a cultura local e sua própria identidade. A escola trabalha e tenta fazer uma diferença na vida do aluno, porém a principal questão gira em torno das reais possibilidades de uma ação educativa voltada para se estabelecer um verdadeiro diálogo pedagógico entre escola e comunidade, e com isso o trabalho sobre a questão da origem da própria comunidade é fundamental.

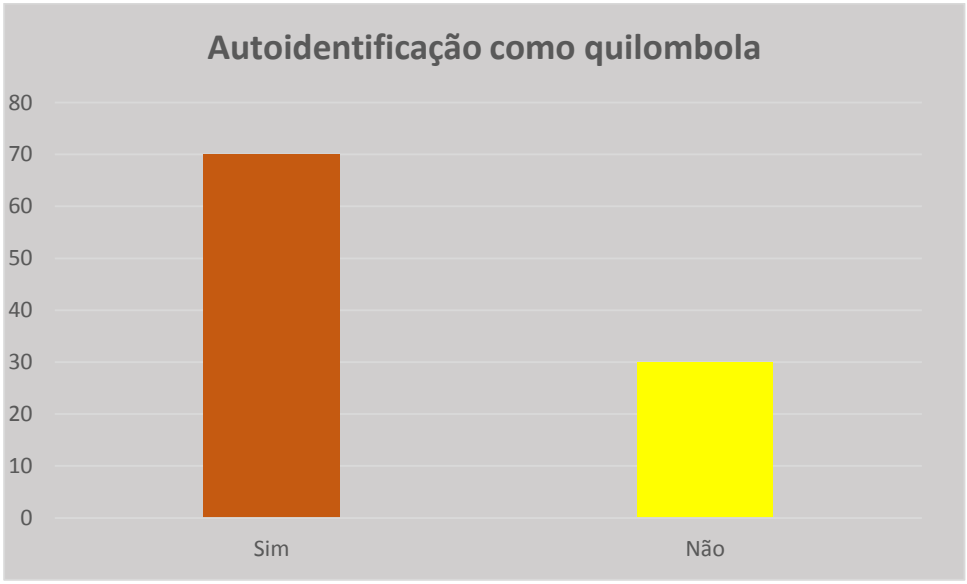

FIGURA 12: Autoidentificação como quilombola.

FONTE: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018)

De acordo com a FIGURA 12, 70% dos entrevistados se autoidentificam como quilombolas, o que é uma média favorável mediante a realidade local, pelo fato de não haver atividades frequentes voltadas para esses educandos, nem por parte da escola, nem por parte da associação quilombola, para assim adquirirem conhecimento sobre sua identidade e sua realidade. Ainda há muito a se fazer sobre este aspecto, pois alguns alegam que não sabem o que isso significa, e 30% não se autoidentificam, pois mesmo com a origem quilombola dos povos que vivem e sobrevivem nessas comunidades tradicionais, alguns não se autodeclaram quilombolas, pelo fato de não conhecer sua história e de sua localidade, o que aconteceu para a mesma se transformar em uma comunidade remanescente de quilombo, etc. Moura (1981) ressalta que o quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência dos negros escravizados. O vínculo das comunidades quilombolas com sua historicidade, baseado em resistência e luta, é um aspecto fundante do universo simbólico e da consciência coletiva dessas comunidades.

Muitos não sabem que existe o título de terra definitivo e com isso não valorizam sua identidade e cultura, não sabem que eles têm o direito a uma Educação Quilombola de qualidade, e que muitas vezes têm seus direitos educacionais negados. Parte da sociedade quer mostrar que o campo sempre foi visto como lugar de atraso, principalmente uma comunidade quilombola, uma realidade a ser superada, por esse motivo as políticas sociais e educacionais não foram vistas como prioritárias para esses povos.

Deste modo, torna-se necessária a formulação de políticas educacionais específicas e diferenciadas para o meio rural quilombola, pautadas nos princípios e fundamentos da Educação Quilombola, com o intuito de oferecer uma educação de qualidade e o desenvolvimento para os moradores da comunidade, em seus diferentes contextos sociais e culturais.

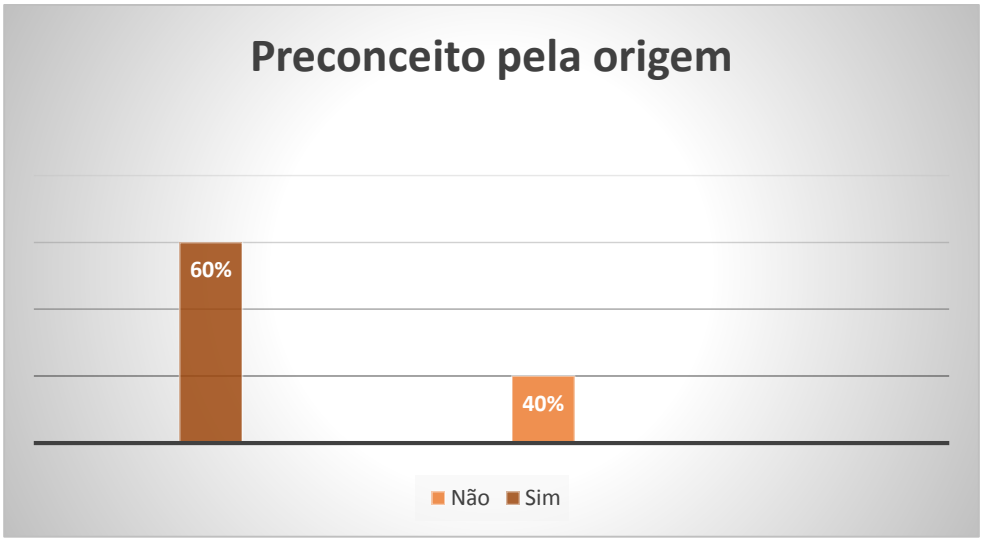

FIGURA 13: já sofreu algum tipo de preconceito por conta de sua origem.

FONTE: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018)

Segundo a FIGURA 13, os dados mostram que 60% dos entrevistados já sofreram preconceito. O número de alunos que passou por essa situação por conta de sua origem é preocupante em um universo de 20 alunos que foram alvos da pesquisa, sendo que destes 40% não se viram em situação de discriminação por conta da sua origem e cor. E não podemos esquecer que se trata de uma escola situada em uma comunidade quilombola. Deveria ser pelo contrário: nossa condição para fazer parte do mundo deveria ser a fidelidade às nossas condições de pertencimento, pois defender as culturas locais pode ser vista uma alternativa para o futuro. A cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adota, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998, p. 07).

Diante desse pressuposto, a capacidade de saber distinguir entre aquilo que é real e aquilo que é manipulação é essencial, nos casos que envolvem preconceito e discriminação. Pois uma ofensa racial não pode ser apenas mais um comentário manipulador, e por consequência desfazer de uma cultura que vem desde seus antepassados, simplesmente deixando de lado sua origem.

FIGURA 14: conhece a história de sua comunidade.

FONTE: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018)

Como mostra a FIGURA 14, 60% dos entrevistados conhecem a história da sua comunidade, e observou-se que mesmo alguns alunos reconhecendo que não conhece bem a origem da sua comunidade através dos meios formais (ou como eles definem, não leram sobre a história), porém as memórias do lugar são passadas na comunidade e nas atividades da escola, como na Semana da Consciência Negra, evento que toma os espaços no período que lembra a morte de Zumbi dos Palmares, um dos símbolos de resistência negra no país, entre outras lideranças negras reconhecidas. Todavia, percebe-se que 30% dos entrevistados não conhece a história da comunidade, e com isso acaba não conhecendo sua origem e perdendo sua essência quilombola, e 10% dos que foram entrevistados falaram que conhecem bem pouco, e que não sabem como Jacundaí se tornou uma comunidade quilombola reconhecida pelo Estado. Na fala de uma aluna:

> Ainda não conheço a história de minha comunidade, não sei como ela se formou em uma comunidade quilombola, queria aprender mais e para assim me autoidentificar como quilombola (Aline da Silva, 17 anos).

Os quilombolas se preocupam com seu futuro e têm claro interesse em que a educação faça parte de seus projetos de futuro, porém são muitas as barreiras a vencer para implantar um ensino voltado para a realidade dos povos negros quilombolas. De acordo com os dados obtidos através das entrevistas é importante criar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que ainda não foi construído, portanto há uma necessidade em construí-lo e aplica-lo

na mesma, para que esse processo seja iniciado de forma plausível e legitime as dificuldades presentes, para que os estudantes venham conhecer mais a origem e a história da sua comunidade, com um currículo que atenda às necessidades, no que diz respeito ao papel da escola no fortalecimento da identidade de cada educando. Vasconcelos (2002, p. 169) afirma que o PPP é um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. "É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação".

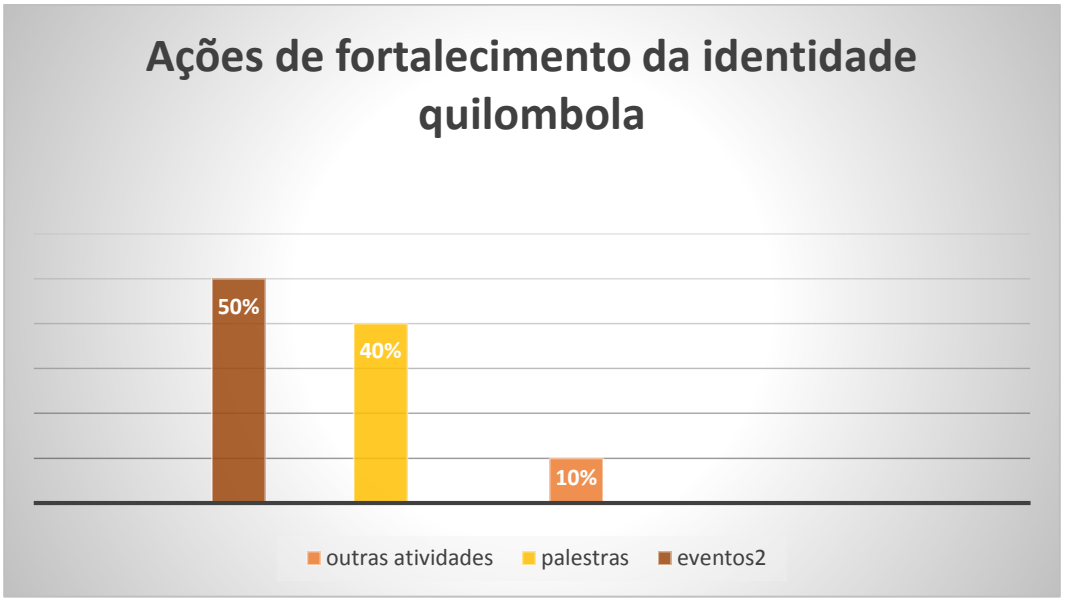

FIGURA 15: Ações de fortalecimento da identidade quilombola

FONTE: Pesquisa de campo com os alunos da escola Professor Rildo Valadares (2018)

De acordo com a FIGURA 15, 50% dos entrevistados falaram que ocorrem alguns eventos que frisam sobre a importância da identidade quilombola. Pode-se observar que as atividades que mais marcam para o aluno como instrumentos de valorização da identidade quilombola são eventos, mas que para eles precisam ser feitos com frequência, seguidos de palestras (40%), e 10% preferem outras atividades, o que simboliza que as ações da Escola realizadas através dos eventos não só trazem toda comunidade para refletir sobre a temática do negro na sociedade, mas chega até o aluno essa formação da sua identidade.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de

identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 03-15).

Esses eventos acontecem durante o ano em datas importantes, com várias atividades e brincadeiras, que envolvem toda a comunidade quilombola de Jacundaí, e além de jogos esportivos diversos, acontecem palestras e reuniões que orientam sobre a importância de que os comunitários assumam essa identidade quilombola, pois observa-se que é muito importante ocorrerem esses encontros para ampliar os conhecimentos sobre o assunto que vai ser uma base para a construção dessa identidade.

4.2 ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

A pesquisa foi realizada com as quatro professoras que lecionam na comunidade. As professoras são filhas da comunidade e se autoidentificam como quilombolas. São elas:

a) Renilde Valadares Sena, 51 anos, com tempo de serviço de 30 anos na comunidade, e atualmente está como gestora da escola;

b) Rilma Valadares Moraes, 47 anos, com tempo de serviço de 24 anos na comunidade, sendo que atualmente trabalha como coordenadora pedagógica e ministrando aulas para a turma do 5º ano do ensino fundamental;

c) Rosely Batista Valadares, 41 anos, com tempo de serviço de 13 anos na comunidade, trabalhando com 2 turmas do fundamental menor;

d) Mariza Valadares Furtado, 30 anos, trabalha há 1 ano e 2 meses como educadora e na escola há 6 anos.

Primeiramente foi perguntado para as professoras entrevistadas se são utilizadas metodologias para atrair a atenção do aluno para ele autoidentificar como quilombola, e em caso positivo, quais seriam elas. As respostas são citadas abaixo:

> Sim, temos que priorizar metodologias envolventes grupais e exploratórias que irão despertar a curiosidade e o desejo de aprender, onde eles sintam-se sujeito do processo de aprendizagem, jogos, círculo com contação de histórias, músicas e etc. (Professora Rilma Valadares).

> Sim, leituras sobre a cultura quilombola para que aluno possa conseguir conhecer sua realidade e consequentemente se autoidentificar quilombola (Professora Renilde Valadares).

Mediante a entrevista com as professoras pode-se observar que é de suma importância usar metodologias que possam atrair a atenção do aluno para a realidade da sua comunidade quilombola, pois isto vem ajudar na autodefinição daqueles que ainda não o fazem. Mas sempre levando em consideração seus costumes e a bagagem de conhecimento que traz de casa para o cotidiano da sala de aula, percebe-se que, na maioria das vezes, o professor utiliza metodologias essencialmente reprodutivas, aquela educação bancária que conceitua o aluno apenas com um depósito de informações (FREIRE, 1987), fator que contribui para que o mesmo considere a disciplina distante de sua realidade. Não se sabe se é devido sua formação acadêmica, comodismo ou resistência à mudança, mas alguns professores continuam ensinando dessa forma. Um ensino dessa maneira não dá conta de motivar os alunos e satisfazer as suas necessidades, nem tampouco propiciar uma visão contextualizada para o exercício da sua cidadania.

A comunidade necessita de educadores que abordem conteúdos socialmente relevantes, que façam sentido e possam se integrar à vida do educando. É importante que educadoras e educadores estimulem seus alunos e alunas a reconhecerem a legitimidade dos diferentes saberes presentes na sociedade e perceberem como cada grupo sócio racial contribuiu para a formação da identidade cultural do país. Como fala (BRASIL, 1998, p. 07) conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Diante de uma população escolar educacional multirracial, como a brasileira, mostram-se imprescindíveis novas práticas didático-pedagógicas que resinifiquem os conteúdos curriculares e as atividades de sala de aula, por meio de recursos diferenciados de ensino, como os presentes nas comunidades quilombolas e quase sempre não apropriados por educadores e educadoras como alternativas didático-pedagógicas.

> Na escola, já foram utilizadas metodologias como vídeos, narrativas, ilustrações, encontros e palestras com métodos para atrair a atenção do aluno para o tema em questão (Professora Mariza Valadares).

O educador deve procurar meios para o melhor desenvolvimento do aluno em sala de aula, como acontece em diversas situações em que é muito fácil o professor se expressar por meio de ótimos discursos com palavras técnicas, mas no final o discente não consegue ter um bom entendimento, prejudicando assim a educação escolar do indivíduo, dessa forma o conhecimento tem que ser ancorado e internalizado no saber popular do educando.

> Às vezes trabalho com os alunos os livros trazidos para rodas de leituras, que são sobre personagens negros. Eles aparecem também na hora da contação de história (Professora Rosely Valadares).

Em segundo lugar, foi perguntado para as professoras o que é Educação Quilombola na concepção das mesmas. As respostas seguem abaixo:

> Na Educação Quilombola, a escola deve se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território, contribuindo para a formação da cidadania dos alunos (Professora Rilma Valadares).

> Educação Quilombola é um direito não só para os quilombolas, mas um dever para os estudantes, pois através dela que o povo consegue conhecer a cultura e consequentemente autoidentificar suas raízes (Professora Renilde Valadares).

De acordo com as entrevistas das professoras, nota-se que a Educação Quilombola busca estabelecer estratégias de ensino e atividades capazes de selecionar as experiências de vida dos alunos quilombolas, sendo que a mesma é para ser desenvolvida em unidades educacionais, as quais vêm buscar metodologias pedagógicas diferenciadas com respeito à especificidade étnico-racial da comunidade quilombola. Assim, o funcionamento da Educação Quilombola deve ser reconhecido e valorizado na sua diversidade, como também afirma o CNE (2011), que trata essa forma de ensino a partir de sua multiplicidade de abordagens e fortalecimento das identidades.

> A Educação Quilombola é aquela que ajuda o aluno a se autoidentificar como quilombola, respeitando o seu povo e, portanto, suas raízes através do ensinamento da história e cultura negra (Professora Mariza Valadares).

A Educação Quilombola pretende oferecer aos professores conhecimentos para uma atuação efetiva em sala de aula na formação da cidadania. Pretende ainda valorizar as origens

e a história dos quilombolas, como condição de afirmação da dignidade enquanto pessoa e da herança cultural, como parte da múltipla diversidade que constitui a riqueza do ser humano. Tais valores se revelam essenciais numa sociedade marcada, simultaneamente, por uma formação pluriétnica e pelo peso da herança racial.

Posteriormente, foi perguntado às professoras quais seriam as dificuldades encontradas para se trabalhar a Educação Quilombola no âmbito da escola estudada.

> As características físicas das escolas rurais quilombolas são bastante difíceis, não possuem bibliotecas, não oferecem laboratórios de informática, etc. E também não insere a África e a cultura afro-brasileira no cotidiano escolar, onde ainda é muito invisível pela escola. É necessário reconhecer que o legado da história e cultura africana e afro-brasileira é um patrimônio da humanidade (Professora Rilma Valadares).

> A principal dificuldade é que a Educação Quilombola não é reconhecida e muito menos concretizada nas comunidades quilombolas e nem nas escolas como um todo (Professora Renilde Valadares).

Pode-se notar, de acordo com as entrevistas com as professoras, que ainda há muita coisa a se fazer para se trabalhar uma Educação Quilombola que venha visar um resgate da identidade de cada indivíduo da escola em questão. É importante que, antes de tudo, se tenha uma escola de qualidade em questão de estrutura e aprendizado, pois assim ela pode vir a atender esses estudantes de maneira que eles se sintam importantes, demarcando o seu espaço, e assim estes reforçam a sua identidade e ainda permitem resgatar uma memória, seja pessoal ou familiar, e com ela reproduzir uma história, como afirma também o CNE (2011), de respeito pelas diversidades culturais, a partir das quais se constrói a identidade dos educandos.

Algo também que implica na realização desse aspecto é que a Educação Quilombola não é reconhecida da maneira que poderia ser na comunidade, e com isso vêm as dificuldades para serem superadas.

> São encontradas muitas dificuldades para a realização da Educação Quilombola, entre elas não temos o apoio da Secretaria [Municipal] de educação, a falta de material apropriado para se trabalhar (Professora Rosely Valadares).

Para se trabalhar uma Educação Quilombola na escola encontram-se muitos desafios, entre esses a falta de materiais didático-pedagógicos, a formação ao educador que não é adequada, o currículo que não respeita a realidade local, a falta de apoio da SEMED

(Secretaria Municipal de Educação de Moju-PA) que não leva em conta atingir com eficácia a especificidade do povo negro, dentre outros.

A proposta da Educação Quilombola é a de possibilitar que professores repensem, à luz da sua experiência, o papel da escola como fonte de afirmação da identidade cultural. Conhecer e trazer, para o cotidiano escolar, conteúdos que estimulem a participação de alunos e alunas negras como atores sociais ativos, com a intencionalidade de promover a igualdade de oportunidades e o exercício da cidadania, como prevê a legislação brasileira, que garante "igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros" (CNE, 2004). É um desafio desenvolver na escola novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das identidades, via um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens.

Em seguida foi perguntado às professoras o que dá mais satisfação em trabalhar em uma comunidade quilombola:

> Primeiramente resido na comunidade, resido e trabalho nesta comunidade e me orgulho de ser quilombola. O trabalho a gente não ganha, a gente conquista, nosso exemplo é a melhor forma de educar, a educação é que nos dá possibilidade de sermos o que quisermos ser, sabemos que a luta contra o racismo é longa e árdua, mas que nela devemos depositar o máximo de energia possível, para que as futuras gerações de negros possam viver livres das humilhações que marcaram a vida dos nossos antepassados e marcam as nossas hoje. Foi por causa de muita luta que hoje a situação mudou um pouco, mas ainda não o suficiente, pois ainda só vamos fazer valer direitos com muita luta e se nós acreditarmos na força da nossa raça, depende só de nós. Sabemos que somos todos iguais, mesmo sendo diferentes, claro que não podemos mudar o passado, mas temos o poder de escrever o futuro baseado no que somos e não o que estamos fazendo hoje (Professora Rilma Valadares).

> A satisfação que tenho em trabalhar em uma comunidade quilombola é porque através do meu trabalho posso ajudar meu alunado, trabalhando com nossa realidade a partir de nossas raízes (Professora Renilde Valadares).

Um dos principais fatores que dão suporte à prática da Educação Quilombola é o envolvimento do professor com a comunidade, esse fator é muito importante e vem contribuir no respeito pela especificidade do povo negro, e também ressaltar a importância de autoidentificar-se como quilombola, não desvalorizando sua história e cultura. A partir desses instrumentos, os (as) gestores (as) podem contribuir para que a escola transcenda a transmissão do conhecimento e seja, também, um espaço de reflexões críticas acerca dos processos de ensino/aprendizagem de inclusão. Com base em práticas de gestão democrática,

podem ainda estimular que a ação dos (as) educadores (as) possibilite a reelaboração dos conteúdos curriculares, a análise reflexiva do contexto sócio-racial e a reelaboração de um saber direcionado para a cidadania (BOTELHO, 2000, p. 14), mesmo porque cidadania supõe educar na e para a diversidade.

Algo que é de suma importância ao desenvolver essa educação é o professor valorizar sua profissão, ter orgulho em trabalhar em uma comunidade remanescente de quilombo e confirmar a sua orientação identitária como tal, resgatar a memória de seus antepassados e passar essa história adiante, porque ela será o reflexo do seu educando, e isso vem influenciar muito no desempenho escolar do seu alunado.

Posteriormente foi perguntado às docentes se elas achavam difícil trabalhar esse tema na sala de aula:

> Não, pois é necessário buscarmos conhecer e reconhecer sua identidade, pois quem renega suas raízes, renega sua história e identidade (Professora Rilma Valadares).
>
> Não, porque trabalho com a minha e com a realidade do aluno (Professora Renilde Valadares).

Observando as entrevistas nota-se que não é difícil trabalhar com o tema, porém a escola enfrenta precariedades e falta de apoio que inibem e desmotivam o educador, que enfrenta no seu cotidiano problemáticas que vão deixando de lado e ofuscando o foco na Educação Quilombola, apesar de às vezes as professoras se esforçarem para lidar com todas as limitações, mas mesmo assim não deixam de trabalhar o tema, pois percebe-se que a sala de aula é um espaço para esse tipo de educação, na qual sua natureza é valorizada.

> Ainda é muito restrita a disciplina de história com o tema da identidade quilombola nas aulas, ofuscando-se assim um pouco da interdisciplinaridade que deveria ocorrer em todas as outras áreas do conhecimento (Professora Mariza Valadares).

É importante que uma vez ou outra o docente realize sua aula fazendo uma relação com a identidade quilombola, a qual é uma forma do mesmo aproximar o seu educando a sua realidade, essa associação é facilitada por que o professor está inserido nesse ambiente, que faz parte de sua história, é necessário buscar conhecer e reconhecer sua identidade, pois quem renega suas raízes renega sua identidade. Fazer esse diálogo frequente com os alunos é muito importante sobre esse assunto, porque esses temas acabam sendo ressaltados somente nas datas comemorativas, e isto vai ajudá-los não somente hoje, como daqui a alguns anos, quando

forem fazer seleções especialmente destinadas para este público, como o Processo Seletivo Especial dos quilombolas (PSE) ofertado para ingresso nos grupos de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), eles terão que estar preparados para esse momento.

> É preciso ter sensibilidade de reconhecer as dificuldades do alunado para assim conseguir atingir o resultado esperado, através de movimentos que envolvam eles (Professora Rosely Valadares).

É importante realizar esses eventos com frequência, para que sejam comuns no dia-a-dia dos alunos, pois assim essas situações podem ajudar os mesmos a serem pessoas autocríticas, mas que seja de forma mais adequada que incite o aluno a compreender mais sobre a história do povo negro, pois sem saber sua história este não tem como saber suas raízes.

> Já participei de eventos sobre a consciência negra, pois infelizmente é só nessas datas comemorativas que temos eventos voltados para a identidade quilombola. Precisamos mudar a realidade de nosso alunado, fazendo com que eles compreendam que a Educação Quilombola é muito além que uma data comemorativa do calendário (Professora Renilde Valadares).

> Já participei de vários eventos, palestras e outras atividades que visam promover a educação e a identidade quilombola, pois acredito na importância desses encontros para ampliar nossos conhecimentos que não é estagnado, está em constante aprendizado e, portanto, procuro sempre trazer para a escola tudo que aprendo e transmito para a instituição a qual faço parte (Professora Mariza Valadares).

É importante os professores estarem dispostos ao constante aprendizado, para assim permitir que se construa um processo de ensino-aprendizado de qualidade juntamente aos seus alunos, que respeite as especificidades de cada um. Mas para que isso ocorra os educadores também precisam estar envolvidos com a comunidade, conhecendo sua história para só assim pôr em prática uma educação mais ampla, que respeite e valorize o seu espaço. Algo que é importante também é que os docentes não fiquem no comodismo, que possam ir em busca de novos conhecimentos para ampliar os seus, pois o principal objetivo desses profissionais é o de estimular os alunos por meio de uma Educação Quilombola que respeite as características dessa população tradicional, e consequentemente ponha em prática na comunidade tudo aquilo que foi vivenciado nesses encontros, e que tais conhecimentos não fiquem apenas na teoria, visando assim que os professores se tornem verdadeiros transformadores dessa sociedade,

para que ocorra essa troca e construção de conhecimento juntamente com a comunidade, porque sem esta os processos são mais lentos.

Por fim, as educadoras entrevistadas se referiram a outras observações e situações que não se encontravam expressas diretamente no questionário aplicado. Dentre essas colocações, destacam-se as seguintes:

> A COR (Coragem, Orgulho, Respeito). Temos que ter coragem de lutar pelos nossos direitos e pela nossa universalidade. Orgulho de sermos herança da vitória, pois quem cede a vez não quer vitória, nós negros temos que nos impor, não deixando que as pessoas pisem em nós, onde as pessoas com poder aquisitivo tiverem nós também podemos estar. É preciso se informar e se preparar para discutir, reivindicar os nossos direitos e não nos acovardarmos. Enfim, queremos respeito e assumir o que realmente somos, sem medo de represálias, e só assim podemos construir uma educação igualitária (Professora Rilma Valadares).

> Gostaria de acrescentar que, mesmo com todas as dificuldades, o tema da identidade quilombola não pode e nem deve ser esquecido, pois ser quilombola é resistir, e mesmo que tentem nos ofuscar, não vão conseguir (Professora Mariza Valadares).

> A Educação Quilombola vai muito além do que uma metodologia, e sim um dever da sociedade para compreender o real significado das nossas raízes é um direito nosso de conseguir passar o que nossos ancestrais viveram e o que nós vivemos (Professora Renilde Valadares).

Baseando-se nessas afirmações, é preciso considerar as diversas lutas pelo reconhecimento do quilombola dentro do espaço social, para a efetivação dos seus direitos, principalmente a uma Educação Quilombola que atenda às necessidades dessa população. Esse conhecimento que constitui o contexto em que se tecem as teias de significados que recriam incessantemente sua cultura e sua identidade contrativa, isto é, a afirmação da diferença. Nas práticas dos moradores das comunidades, há um forte apelo ao reconhecimento dessa identidade.

A escola deve se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorizando o desenvolvimento do aluno, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território e sua identidade, fazendo assim que a cultura seja valorizada, promovendo seu reconhecimento, fortalecendo a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia, sendo visto como um elemento que compõe a sua identidade. Desse modo, tais atitudes indicam que o grande desafio da Educação Quilombola

é tirar do plano das ideias a luta por essa valorização cultural, e colocá-las em prática, compreendendo suas relações, marcadas por desigualdades, e apontar as transformações necessárias.

Por isso, ao olhar para toda a sociedade, a educação vista como libertadora tende a estabelecer relações ao que se aprende em sala de aula e a vida da população brasileira, mudando mentalidades, superando preconceitos, pois é ali que aprendemos a viver com esta diversidade, atuando na cooperação da transformação da situação atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre a Educação Quilombola é discorrer sobre a própria identidade enquanto pertencentes a essa categoria, sendo uma história com inegáveis marcas, culturais e sociais, pois essas populações devem ocupar o devido destaque nesses espaços, contribuindo assim para uma sociedade brasileira mais justa, a partir do reconhecimento da importância da identidade que há em cada um. Em virtude dos fatos mencionados durante a pesquisa, foram detectadas algumas problemáticas que estão acontecendo na comunidade estudada, como por exemplo o fato de que a Educação Quilombola não está sendo realmente efetivada na escola local. Contudo, uma das soluções viáveis seria a construção e implantação do PPP (Projeto Político-Pedagógico) que daria identidade própria à escola, levando em conta a diversidade cultural, identidades, saberes e os modos de produção presentes na realidade local, elaborando assim seu próprio currículo, sendo que este seria o ideal para uma Educação Quilombola digna.

Mesmo assim, essa tema foi ganhando espaço nas discussões e práticas escolares, apesar das dificuldades ainda enfrentadas para a construção de uma política pública municipal direcionada a essas comunidades em relação a temáticas como a trabalhada, especialmente no município de Moju-PA. Falta ainda, através dos órgãos públicos educacionais responsáveis, um maior apoio para que os professores desta e de outras escolas quilombolas consigam realizar seu trabalho a contento, conforme está previsto na legislação educacional. Ainda há um longo caminho a percorrer, tanto no sentido de romper o silêncio e a invisibilidade histórica que acompanham a trajetória dessa comunidade, principalmente na comunidade de Jacundaí, como reconhecer a importância da cultura dos quilombos e a longa história de luta das populações quilombolas por dignidade e cidadania. Ao longo desse estudo em torno das

discussões sobre a educação escolar quilombola, entendemos que a escola é um palco de construção por meio da relação entre conteúdos propostos nas diretrizes curriculares e as práticas sociais e culturais dos educandos e educadores que ali atuam.

Assim, buscou-se refletir sobre a identidade quilombola e os saberes populares da comunidade em relação direta com as práticas educativas em seu ambiente escolar, e a possibilidade concreta de estimular saberes e conhecimentos que ainda resistem nos quilombos. Portanto, é de suma importância realizar ações de fortalecimento dessa identidade, propondo-se uma ação de restituição para a localidade estudada, com a proposição de oficinas, cartilhas educativas e outras atividades na escola, que contribuam para efetivar essa identidade quilombola.

6 REFERÊNCIAS

ARRUTI, J. M. **Mocambo.** 1 ed. Bauru: EDUSC, 2006

BAUMAN, Z. **Ensaios sobre conceito de identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 104 p.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. Brasília: Presidência da República, 2003.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIZZOTTI, A. Metodologia do ensino superior: O ensino com pesquisa. In: CASTANHO, S; CASTANHO, M. E. (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** São Paulo: Papirus, 2001.

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer do Conselho Nacional de Educação - Câmara Plena (CNE/CP) n°3, de 10 de março de 2004.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC / CNE, 2004.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Quilombola.** Brasília: MEC / CNE, 2011. 18 p.

BOTELHO, D. M. ***Aya nini* (Coragem)**: Educadores e Educadoras no enfrentamento de práticas racistas em espaços escolares – São Paulo e Havana. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2000.

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ – FECAP. **As Técnicas de Pesquisa.** 2018. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm>. Acesso em 09 ago. 2018.

FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia : perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas-RS. **Sociedade & Natureza,** Uberlândia, v. 2, n. 20, p. 199-217, dez. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAGE, S. **Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará.** 2005. Disponível em: <educampo.miriti.com.br>Biblioteca>. Acesso em: 14 set. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2005.

JORGE, A. L. O movimento social quilombola: considerações sobre sua origem e trajetória. **Vértices,** Campos dos Goytacazes/RJ, v. 17, n. 3, p. 139-151, sete. /dez. 2015

KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa:** um guia prático. Itabuna-BA: Via Litterarum, 2010.

MOURA, C. **Rebeliões na Senzala:** Quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, K. Origem e Histórico do Quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, 1996, p.56-63.

MUNANGA, K.; GOMES, N. R. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Para Entender).

POLLAK, M. **Estudos históricos, Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: Guia para a eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

VASCONCELOS, C. S. **Planejamento – projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico da Escola:** uma construção possível. 15. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 01.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília: SAF / MDA, 2006.

7 ANEXOS

ANEXO I: DIRETRIZES PARA A SUBMISSÃO DE PUBLICAÇÃO PARA A REVISTA NOVOS CADERNOS (*NAEA*)

Os trabalhos submetidos para publicação devem ser originais e inéditos, não sendo permitida a submissão simultânea a outro periódico.

O conteúdo dos trabalhos é de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo obrigatoriamente a opinião do Conselho Editorial da Revista *Novos Cadernos NAEA*.

A revista adota o processo de avaliação anônima por pares (*peer review*), com base nos critérios de qualidade e rigor científicos, validade dos dados e relevância para a respectiva área de pesquisa.

A aprovação dos trabalhos é condicionada aos pareceres de dois consultores *ad hoc* (referees) e, em última instância, do Conselho Editorial. Os autores devem acatar as recomendações dos avaliadores, não sendo permitidos acréscimos ou modificações após a aprovação e composição dos trabalhos.

A submissão de trabalhos ao Conselho Editorial da Revista *Novos Cadernos NAEA* deve ser encaminhada ao editor científico, para o endereço eletrônico da revista: http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn.

Os direitos autorais são automaticamente cedidos para a Revista *Novos Cadernos NAEA*. Em contrapartida, os autores recebem dois exemplares da versão impressa. A revista também é disponibilizada na versão *on line*, em acesso aberto (*open access*) e uso gratuito direcionado a fins educacionais, científicas e não comerciais.

Normas para submissão:

Os trabalhos devem ser encaminhados ao editor científico da *Revista Novos Cadernos NAEA*, para o site: http://www.naea-ufpa.org/revistaNCN/ojs

Estrutura e formato dos trabalhos:

Os trabalhos devem ter até 20 laudas, no formato A4, nas fontes Times New Roman ou Arial, corpo 12, entrelinha 1,5, incluindo-se figuras, tabelas e referências.

Os trabalhos devem conter:

Autoria: nome e sobrenome do(s) autor(es) conforme CV Lattes, caso o possua; a mais recente titulação acadêmica; filiação institucional; cargo que ocupa; área de atuação; e-mail e endereço completo para correspondência.

Título: deve ser direto e conciso, no idioma original do texto, acompanhado de tradução para o inglês.

Resumo: parágrafo único, no idioma do texto, com 150 palavras no máximo, contendo uma síntese que sinalize para objetivos, metodologia, discussão e conclusões.

Abstract: tradução do resumo para o inglês caso o texto não seja neste idioma.

Palavras-chave: de quatro (mínimo) a seis palavras (máximo) que identifiquem o conteúdo do trabalho.

Keywords: tradução das palavras-chave, para o inglês caso o texto não seja neste idioma.

Figuras (fotos, mapas, gráficos etc.): são impressas em preto e branco (tons de cinza), compatíveis ao formato da revista (não excedendo 15 x 21 cm). Para garantir a qualidade editorial das figuras, elas devem ser enviadas em arquivos separados, em JPEG ou TIF, com resolução mínima de 300 dpi. Devem ser obrigatoriamente citadas no corpo do texto, seguindo a ordem sequencial de inserção, numeradas em arábicos, com créditos de autoria e fontes nas respectivas legendas.

Tabelas: devem ser produzidas e inseridas no texto nos softwares Word ou Excel, obedecendo o formato da revista (não exceder 12 x 20 cm). Devem obrigatoriamente citadas no texto, seguindo a numeração sequencial de inserção.

Citações bibliográficas: as referências devem ser obrigatoriamente citadas no corpo do texto: sobrenome do autor e ano (em maiúsculas quando estiverem entre parênteses).

Citações de texto: até três linhas, devem ser entre aspas, seguindo o formato do texto, com citação de autoria no final, entre parênteses. As citações longas (quatro linhas ou mais) devem ser em parágrafo separado, com recuo de 4 cm, entrelinha simples, corpo 10, com citação de autoria no final, entre parênteses.

Nota de rodapé (opcional): devem ser inseridas no caso de comentários e informações complementares ao texto, seguindo a numeração sequencial, corpo 10.

Referências: A revista adota a Normalização de Referências Bibliográficas da ABNT (NBR 6023/2002). Todas as referências citadas no texto devem constar no tópico final, em ordem alfabética.

Exemplos:

 Artigos em periódicos:

SOBRENOME, Prenome abreviado. Título: subtítulo (se houver). **Nome do periódico (em negrito)**, Local de publicação (opcional), volume, número ou fascículo, paginação, ano.

GORENDER, J. A sociedade cindida. **Estudos Avançados**, v.28, n.80, p.17-26. 2014.

 Capítulo de livro e coletânea:

SOBRENOME, Prenome abreviado do autor do capítulo. Título: subtítulo (se houver). In: SOBRENOME, Prenome abreviado do(s) Org.(s), Ed.(s.). **Título do livro**: subtítulo do livro (se houver). Local de publicação: Editora, ano. Paginação do capítulo.

LEIS, H. R. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI JUNIOR, A.; SILVA NETO, A. (Eds.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Informação**. Barueri: Manole, 2011. p. 106-122.

 Livro no todo:

SOBRENOME, Prenome abreviado. **Título**: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, ano. Paginação/volume. (Coleção ou série, se houver)

SAID, E. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 528p.

 Dissertações e teses:

SOBRENOME, Prenome abreviado. **Título**: subtítulo (se houver). Ano de defesa. Total de folhas. Tese (Doutorado em...) ou Dissertação (Mestrado em...) – instituição, local, ano.

COSTA, F. S. **A dinâmica dos recursos comuns em Unidades de Conservação e Assentamentos Rurais no Amazonas: uma abordagem *fuzzy set***. 2014. 365 f. Tese (Doutorado em Ciências Socioambientais) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

 Documentos em meio eletrônico

SOBRENOME, Prenome(s) abreviado(s) ou INSTITUIÇÃO. **Título**: subtítulo (se houver). Local de publicação, volume (se houver), ano. Disponível em: . Acesso em: dia, mês (abreviado), ano.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **As metrópoles no Censo 2010**: novas tendências? Disponível em:iodasmetropoles.net>. Acesso em: 2 fev. 2011.

Itens de Verificação para Submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

A Revista **Novos Cadernos NAEA** adota o acesso livre e gratuito ao seu conteúdo (*open access*), no sentido de promover a divulgação e democratização do conhecimento científico.

© Novos Cadernos NAEA. Todos os Direitos Reservados.

Print ISSN: 1516-6481 *e* ISSN: 2179-7536

DOI do Novos Cadernos NAEA:10.5801/S21797536

Novos Cadernos NAEA da Universidade Federal do Pará é licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-No Derivative Works 3.0 Brasil.

Based on a work at www.periodicos.ufpa.br. Permissions beyond the scope of this license may be available athttp://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn.

ANEXO II: ROTEIROS DE QUESTÕES APLICADAS AOS ENTREVISTADOS

a) Questionário para os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rildo Valadares

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Tempo de serviço como educador? E na escola?
5. Exerce a função de educador em quantas turmas? E qual o nível de ensino (fundamental, médio)?
6. São utilizadas metodologias para atrair a atenção do aluno para ele auto identificar como quilombola? Quais?
7. Para você, o que é Educação Quilombola?
8. Qual as dificuldades encontradas para se trabalhar a Educação Quilombola na escola?
9. O que te dá mais satisfação em trabalhar em uma comunidade quilombola?
10. Você acha difícil trabalhar esse tema na sala de aula?
11. Você consegue associar as suas aulas nas disciplinas com o tema da identidade quilombola?
12. Você já dialogou com seus alunos sobre o que é ser quilombola?
13. Você já fez alguma aula voltada para a importância da identidade quilombola?
14. Como você gostaria de trabalhar esse tema, em sala de aula ou fora dela?
15. Você já participou de eventos, palestras ou outras atividades visando promover a educação e a identidade quilombola na escola?
16. Há alguma informação complementar que você gostaria de acrescentar?

b) Questionário para alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rildo Valadares

1. Você mora na comunidade de Jacundaí?

2. Você gostaria de estudar uma disciplina especifica que trabalhasse com o tema da identidade quilombola?

3. Você se autoidentifica como quilombola?

4. Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta de sua origem?

5. Você conhece a história de sua comunidade?

6. Acontecem na escola ações de fortalecimento da identidade quilombola? Quais? (Palestras, eventos, gincanas, etc.).

7. Há alguma outra informação que você queira responder?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABAETETUBA
PÓLO DE TOMÉ AÇU
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS

ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Orientador: Prof. Dr. Francinei Bentes Tavares

Acadêmica: Viviane Caroline Valadares Sena

Solicitamos a V.S.ª. apoio em responder as perguntas referentes a este roteiro de questões e o consentimento para a utilização dessas informações, que estão sendo parte da pesquisa de campo para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação do Campo-ênfase em ciências naturais da referida estudante, que traz o seguinte tema: **O resgate da identidade quilombola na Escola Municipal Professor Rildo Valadares**, **na comunidade quilombola de Jacundaí (Moju-PA).** Também solicitamos consentimento para a utilização de gravações de voz (por meio de transcrições das entrevistas concedidas), imagens (fotografias e vídeos) e utilização dos nomes completos dos entrevistados. Esclarecemos que, caso o(a) participante desta pesquisa não queira ser identificado (a), seguiremos os termos éticos e legais que norteiam os procedimentos científicos na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Agradecemos sua colaboração.

Francinei Bentes Tavares
Vice Coordenador do PPGCITI
Portaria 1071/2017 – Reitoria